



Fronteiras culturais: o gaúcho e sua migração na comarca do pampa, sob a ótica literária de João Simões Lopes Neto

Elisângela Aparecida Zaboroski

Departamento de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: elis.zaboroski@gmail.com

Geovana Quinalha de Oliveira

Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: geovanaquinalha@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é pensar o modo como a obra de João Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*, problematiza a identidade cultural da figura do gaúcho e, por extensão, os traços culturais da fronteira região do Pampa, notoriamente configurados por meio da cultura popular. A obra apresenta um peculiar hibridismo linguístico e cultural próprio da fronteira geopolítica entre Brasil, Uruguai e Argentina, decorrente de diversas experiências de intercâmbios culturais, sobretudo aquelas oriundas da migração entre os territórios desta zona de contato. Estes singulares traços linguísticos e culturais postos na obra de Simões Lopes Neto marcam um espaço de potência híbrida, produtor de linguagens e identidades próprias de um entre-lugar. Construído por meio de tensões, distensões e desvios em sua unidade de interpenetração de sistemas de imagem identitária (brasileiro-argentino-uruguaio-gaúcho) e de unidade linguística territorial (português-espanhol-variantes pampeanas), este entre-lugar postula identificações, deseidentificações e reconstruções próprios da oscilação de um espaço fronteiro. Assim, pretendemos verificar como a escritura de Simões Neto se instala na fronteira pampeana para, como destaca, Ludmer (2007), “fabricar um presente”.

Palavras-chave: João Simões Lopes Neto, Contos Gauchescos, Comarca do Pampa, Cultura popular, Entre-lugar.

Cultural boundaries: the gaúcho and their migration in the region of the pampa, in the literary perspective of Lopes Neto

Abstract: The objective is to think how the João Simões Lopes Neto's work, *Contos Gauchescos*, discusses the cultural identity of the gaúcho and, by extension, the cultural traits of the border region of the Pampa, notoriously configured through popular culture. The work is marked by a peculiar linguistic and cultural hybridity own geopolitical border between Brazil, Uruguay and Argentina, due to several experiences of cultural exchanges, especially those of migrants between the territories of this contact zone. These unique linguistic and cultural traits put in the work of Simões Lopes Neto mark a hybrid power space, producer of languages and identities themselves a place between. Built by stresses, strains and skew in the interpenetration of unit identity imaging systems (Brazilian-Argentine-Uruguayan and “gaúcho”) and territorial linguistic unit (Pampa's variants of Portuguese or Spanish languages), this in-between postulates IDs, and (re) constructions of own oscillation of a border area. Thus, aims to examine how the Simões Lopes Neto deed is installed in the Pampa border to as highlights, Ludmer (2007), "make a gift".

Keywords: João Simões Lopes Neto, Contos Gauchescos, Comarca do Pampa, Popular culture, Entre-lugar.

Como citar este artigo:

ZABOROSKI, E. A.; de OLIVEIRA, G.Q. Fronteiras culturais: o gaúcho e sua migração na comarca do pampa, sob a ótica literária de João Simões Lopes Neto. *Luminária*, União da Vitória, v.18, n.02, p. 03 – 11, 2016.

Parece que foi ontem!...
Era por fevereiro; eu vinha
abombado da troteada.

INTRODUÇÃO

A obra *Contos Gauchescos* (1912), de João Simões Lopes Neto, é composta de dezenove narrativas que carregam a imagem da identidade do gaúcho construída a partir de textos orais, próprios da tradição popular gaúcha, baseadas no folclore, no testemunho histórico, no conhecimento pessoal da vida campeira e das peculiaridades regionais da região do Pampa.

A linguagem do livro vai ao encontro de um projeto estético que põe em evidência a fala e, por extensão, a identidade cultural daqueles que habitam o interior do Rio Grande do Sul em sua fronteira com a Argentina e o Uruguai. Trata-se, portanto, da figura gaúcha que rememora “casos inesquecíveis no seu linguajar próprio”. (SCHLEE, 2006, p. 15). Este linguajar a que se refere Schlee está relacionado a um forte hibridismo linguístico estruturado a partir da junção das línguas portuguesa e espanhola, dos desvios das normas de ambas as línguas e, por fim, da construção de uma linguagem outra, conhecida como “linguagem pampeana”, como veremos adiante.

O livro apresenta uma arquitetura curiosa, pois nas primeiras páginas, o “autor/narrador de papel”¹, como quer Barthes, se despede do leitor e toda a narrativa é mostrada pelo olhar de Blau Nunes, o velho narrador gaúcho rio-grandense que conduz as histórias. Esta arquitetura produz um efeito relevante na obra porque nega a construção de personagens regionais estereotipadas decorrentes das divisões paradoxais entre alta e baixa cultura, geralmente elaboradas pelo método oitocentista de alternar a língua culta com o falar dialetal, na maioria das vezes rurais, com a justificativa de ambientá-los de forma realista. Para traçar a diferença dos registros regionais e populares muitos autores utilizaram marcadores como aspas, diferentes fontes de letras, glossá-

rios e apêndices explicativos que indicassem a fala do sujeito erudito, geralmente o narrador, enquanto os dialetos regionalistas e a linguagem oral ficavam a cargo de personagens estereotipadas. Ao se valer da linguagem oral, da variante pampeada, sem distinções entre o narrador “culto” e personagens da “baixa cultura”, a literatura de Simões Neto ultrapassa o regionalismo tradicionalista, muitas vezes carregado de imagens degradantes em relação à alteridade, à diferença decursivas de uma hierarquia construída por distinções para gerar territórios de transgressão a esta prática.

Aldyr Garcia Schlee acredita que Blau Nunes foi “imaginado como personagem [e] sobrepõe-se à figura idealizada com que fora concebido, feito narrador, problematiza a realidade narrada e, transformado em símbolo de um mundo em crise, dialoga com o leitor feito gente, cheio de vida e humanidade, como o gaúcho pobre e verdadeiro que é.” (2006, p. 13). Vê-se em Blau Nunes a figura de um personagem popular gaúcho, migrante, fronteiriço, que dispensa resquícios binários de diferenças pejorativas em relação ao Outro ou de situações de carências e subordinações.

Contos não busca uma realidade/representação verossímil para compor o gaúcho no sentido de dualidade entre ficção e realidade, sua escritura revela um imbricamento tal que já não poderíamos dizer onde começa ou termina a ficção ou a realidade. Seu projeto se aproxima de certa apreensão do mundo enquanto fusão de imagens, ou seja, uma *realidadeficção*, como quer Ludmer (2007).

Na literatura do Rio da Prata, destacam-se outras figuras gauchescas potencialmente humanísticas, vívidas, tais como *Los três gaúchos orientales*, *Martín Fierro*, *Santos Vega*, *Paulino Lucero* e *Aniceto El Gallo*². Assim como Blau Nunes, estes personagens carregam marcas culturais do gaúcho típico da região do Rio da Prata e do sul do Rio Grande do Sul, a chamada,

1. Cf. BARTHES, Roland. *Rumor da língua*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

2. Essa referência diz respeito às obras fundamentais da gauchesca platina: *Los três gaúchos orientales* (1872), de Antonio Lusich, *Martín Fierro* (1872), de José Hernández, *Santos Vega* (1872), de Hilario Ascasubie *Paulino Lucero* e *Aniceto el Gallo* (1854), também de Hilario Ascasubi.

por Ángel Rama (1926-1983), de a região da Comarca do Pampa³. “Eles todos já não foram os *mozos perdidos* que haviam corrido campo desde 1617, já não foram os *arrimados*, os *cuatros*, nem os *changadores*, ou os *gaudérios* – os bandidos coloniais que a partir de 1790 seriam chamados de gaúchos. Eles foram mais: foram os contadores de sua própria saga de amor à liberdade e de ódio aos tiranos” (SCHLEE, 2006, p. 15.).

É verificável, pois, na textualidade da obra, a produção cultural das fronteiras que permeiam a chamada Comarca do Pampa e, concernente a isso, como não poderia deixar de ser, dos movimentos migratórios, responsáveis pela configuração deste território e das relações interpessoais construídas a partir de tensões, distensões e desvios das imaginárias linhas geopolíticas que marcam um entre-lugar, nunca pronto, acabado, sempre por construir e problematizar. É sobre este território, seu típico habitante - o gaúcho - e suas idiossoncrazias marcadamente populares e, por vezes, marginalizadas culturalmente e politicamente, que iniciamos nossa reflexão.

Blau Nunes: conjunturas de um entre-lugar fronteiriço

Fazia-me ele a impressão de um perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas... [...] E, do trotar sobre tantíssimos rumos: das pousadas pelas estâncias; dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das cousas que ele compreendia e das que eram-lhe vedadas ao singelo entendimento; do pêlo-a-pêlo com os homens, das erosões da morte e das eclosões da vida, entre o Blau – moço, militar – e o Blau – velho, paisano -, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações – casos, dizia -, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca. Querido digno velho! Saudoso Blau! (LOPES NETO, 2006, p. 42-43)

O fragmento acima, retirado da apresentação do narrador Blau Nunes feita por Lopes Neto, no início de seus *Contos*, revela uma estratégia textual cujo objetivo é dar ênfase ao papel que Blau Nunes desempenha nas narrativas. Trata-se de um narrador capaz de contar as histórias do povo do Rio Grande do Sul, ou seja, sua própria história por meio de uma forte e marginal linguagem oral. A cultura popular do Pampa é narrada por intermédio de causos memorialísticos que nos transporta para os antigos tempos de suas narrativas. O autor emprega o dialeto gauchesco, traduzido num linguajar deliberadamente campeiro, referindo-se quase sempre à atividade rural e as suas circunstâncias, como neste trecho do conto *Trezentas Onças*, o qual abre o seu livro:

Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha onde devia pousar. [...] Olhe ali, na restinga à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morru-da. (LOPES NETO, 2006, p. 45.)

Lopes Neto não se vale da linguagem literária, deformando-a preconceituosamente para então produzir uma artificialidade, como fizeram alguns de seus contemporâneos e antecessores, contrariamente, o ponto de partida é a própria fala do gaúcho com algumas recomposições às necessidades expressivas de sua literatura.

A estrutura de seu processo de criação linguística contribui para que sujeito pampeano, diferente à “alta cultura”, fale por meio de sua própria voz, demonstrando as variedades dos elementos culturais que o constitui como alteridade em relação ao centro e, por extensão, apontando o engendramento da identidade fronteiriça do Pampa

Como se sabe, no Brasil, as duas primeiras décadas do século XX reservaram poucas

3. O pampa é geograficamente definido como a característica região de pastagens da América do Sul que ocupa a planície costeira e interiorana do Rio da Prata e de seus formadores Paraná e Uruguai, desde a Província de Buenos Aires até a metade do sul do Rio Grande do Sul, incluindo toda a República Oriental do Uruguai (SCHLEE, 2006, p. 20.)

páginas de sua história literária às idiossincrasias populares e regionais da fronteira, sobretudo no gênero narrativo. Contrariamente a este cenário, o projeto intelectual de Lopes Neto confronta o modelo modernizador de uma literatura universal ao problematizar a cultura regional fronteiriça e, conseqüentemente, seus fios constituintes: contatos, embates, negociações, mortes e renascimentos. Trata-se, portanto, de uma literatura marcada por um intenso hibridismo decorrente de experiências de intercâmbios culturais.

Tais experiências produzem intersecções cujas práticas anulam quaisquer resquícios de rigidez e dicotomia plenas. Queremos pensar o território fronteiriço posto em *Contos* a partir da ideia de um entre-lugar, ou seja, como uma geografia marcada pela construção de uma terceira margem atravessada por constantes re-criações e começos⁴, bem como enquanto uma fronteira, uma linde, marcada por suas singularidades ao mesmo tempo que aberta ao outro, como veremos de forma mais detalhada no decorrer do texto.

Muito embora o livro date de 1912, *Contos gauchescos* apontam para a produção de um universo textual que se aproxima de uma “literatura pós-autônoma”, como proposto por Ludmer (2007). Isto porque acreditamos tratar-se de um livro cruzado por discursos outros que considera e põe em evidência sujeitos, territórios, línguas e idiossincrasias como elementos produtores de sentido de uma dada realidade cotidiana, sem a preocupação de seguir determinadas regras do universo literário, como a da representação. Textos como *Contos*, buscam instalar-se “localmente em uma realidade cotidiana para ‘fabricar um presente’ e esse é precisamente seu sentido” (LUDMER, 2007, p.1). Para a autora, já não faz mais sentido a busca por tentar compreender o que é realidade e o que é ficção, pois um mundo está tão imbricado no outro que não há como separá-los. Conseqüentemente, novas posturas de leituras são criadas para além das clássicas⁵ e, desse modo, *Contos* geram, ao nosso ver, formas de autonomia em vários e novos senti-

dos, uma vez que extrapola a leitura direcionada para “critérios ou categorias literárias como autor, obra, estilo, escritura, texto e sentido” (LUDMER, 2007, p.1).

Nesse sentido, acreditamos, assim como Ludmer ao se referir às literaturas pós-autônomas, que a escritura de *Contos* carrega uma “realidade cotidiana” em que não se opõe “sujeito” e “realidade” histórica, tampouco, “literatura” e “história”, ficção e realidade (2007, p. 2).

Se o livro de Simões Neto, não emerge de um *lôcus* propriamente pós-autônomo, ou seja, não se fez na era tecnológica de TV, blogs, internet, e-mails, por outro lado, fabrica o seu presente com a realidade cotidiana, que

não é a realidade histórica referencial e verossímil do pensamento realista e da sua história política e social (a realidade separada da ficção) (...) É uma realidade que não quer ser representada porque já é pura representação (...) “A realidade cotidiana” das escrituras pós-autônomas exhibe, como em uma exposição universal ou em um mostruário global de uma web, todos os realismos históricos, sociais, mágicos, os costumes, os surrealismos e os naturalismos. Absorve e funde toda a mimese do passado para constituir a ficção ou as ficções do presente. Uma ficção que é “a realidade”. Os diferentes hiper-realismos, naturalismos e surrealismos, todos fundidos nessa realidade desdiferenciadora, se distanciam abertamente da ficção clássica e moderna. (LUDMER, 2010, p. 2,3).

Lopes Neto conhecia muito bem a “realidade cotidiana da variante pampeana, para a qual despertara na infância e com a qual chegou a trabalhar” (SCHLEE, 2006, p. 16.) Como o autor sempre lidava à sua maneira com a norma culta da língua portuguesa, sempre foi muito sensível a essa variante, a pampeana, e certamente não teve “maiores dificuldades em buscar, encontrar e explorar em tal variante todos os elementos necessários e as mais adequadas alternativas, de modo, a através delas, efetuar sua recriação linguística.” (Idem. Ibidem.).

4. Em oposição à ideia rígida de *origem, começo* simboliza a eterna possibilidade de renovação. Cf. ANTELO, Raul. *Lindes, limites, limiares*. Boletim de Pesquisa Nelic, v. 1, p. 4-27, 2008.

5. Nos referimos a leituras clássicas como aquelas preocupadas com estruturas intrínsecas ao texto, com a relação texto e contexto enquanto campos binários.

O projeto estético do autor em formular um narrador que fala sob a variante pampeana da língua e não sobre a perspectiva da norma culta, permite ao leitor ter uma dimensão da cultura da comarca do Pampa através dela mesma. Este *modus operandi* aproxima-se muito de quase toda a produção da literatura platina voltada ao campeiro gaúcho e ao pampa do Uruguai e da Argentina, uma vez que seus escritores, desde a Gauchesca, colocavam em evidência a cultura pampeana na palavra de um narrador campeiro, como o Blau Nunes de João Simões Lopes Neto. Tal fato aproxima e transforma o autor brasileiro em um autêntico pensador acerca dessa Comarca, pois sua literatura tem uma íntima relação com a cultura fronteiriça da Argentina e Uruguai, sendo regiões interligadas por terem, entre tantos elementos em comum, o pampa e o gaúcho como símbolos identitários de suas culturas e geografias.

Na região fronteiriça que compreende esses três países há uma valorização do gaúcho “como tipo humano regional ou inclusive nacional, no interior da Argentina e do Uruguai e na ‘personalidade’ do Rio Grande do Sul.” (ROCCA, 2002, p. 75). O pampa é um “território comum aos três países, facilitando assim uma interpenetração social” (MANOELITO de ORNELLAS, 1999, p. 208).

Esta interpenetração territorial e cultural na zona fronteiriça entre Argentina, Uruguai e Brasil é evidenciada em Lopes Neto a partir da figura do gaúcho e suas variantes linguísticas, como no conto *Trezentas Onças*: “Ah!...esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho **brasino**, um cusco **mui** esperto e bom vigia”. (LOPES NETO, 2006, p. 46. Grifo nosso.) Os vocábulos *brasino*, *mui* são, ambos, representantes dessa variante pampeana que se criou na fronteira da Comarca do Pampa, ou seja, em uma realidade cotidiana a partir da qual Simões “fabrica um presente” (LUDMER, 2007).

Como se vê, o português e o espanhol estão muito próximos e certos regionalismos utilizados por João Simões Lopes Neto são facilmente compreendidos nas regiões de Argentina e Uruguai. A língua que antes os separava agora os une por meio de uma variante

pampeana, dando *corpus* e visibilidade, ainda que mínima, à figura marginal do gaúcho/gaúcho latino-americano. Trata-se de “uma cultura comum do homem do pampa, a chamada cultura gaúcha, com sua respectiva literatura, por cima das fronteiras nacionais e das barreiras linguísticas.” (SCHLEE, 2002, p. 63).

Ainda que não seja oficial, esta espécie de “língua marginal” é utilizada e reconhecida por muitos sujeitos que habitam a fronteira ou a representa de alguma forma. No entanto, tanto os falantes como suas idiossincrasias configuram um espaço periférico por excelência, que se estende para sua geografia, história, política e, sobretudo, sua epistemologia.

Por este viés, buscamos, mais uma vez, aproximar nossa leitura do texto de Simões Neto às reflexões de Ludmer (2007) no que tange à crença na perda da autonomia da literatura em virtude da anulação entre realidade e ficção. O que se vê em *Contos* é a tentativa de anular certas barreiras como aquelas entre formas nacionais e cosmopolitas, formas do realismo ou da vanguarda, da “literatura pura” ou “da literatura social” ou comprometida, da literatura rural e urbana, pois são as duas coisas, oscilam entre as duas ou as desdiferenciam. Ao tratar de uma cultura popular e fronteiriça, Simões Neto não a coloca em comparação com outras culturas. O que é verificável em seu texto é o recorte sob uma dada realidade que não se quer fazer frente às outras, apenas registrar sua presença no mundo sem se pretender autônoma em relação a ele.

A despeito da aspiração autônoma da literatura, Ludmer acredita claramente que essas formas, classificações, identidades, divisões e guerras só podiam funcionar em uma literatura concebida como esfera autônoma. Porque o que dramatizavam era a luta pelo poder literário e pela definição do poder da literatura. (2007, p. 3). E é justamente a luta por este poder que acreditamos não fazer mais sentido, porque para isto seria preciso continuar sustentando a “literaturidade” e a condição binária ente literatura x não-literatura, boa x ruim, algo que já não faz mais sentido em tempos de outras leituras e epistemes.

Voltando à variante pampeana de Simões Neto, outro aspecto a ser referenciado é o universo espiritual. A expressão *tangido pelo*

destino, por exemplo, muito utilizado pelo povo sul rio-grandense e fronteiriço, aponta para o hábito doméstico em empregar significados vulgares às expressões como, sorte, destino, fado. Nesta região “torna-se curiosa à indistinta veneração prestada ao divino e ao diabólico, como forças superiores que atuam sobre os homens.” (LOPES NETO, 2006, p. 229.).

O autor também nos apresenta, sob o título de *Elucidação*, algumas expressões características de sua obra. Em especial, uma chama a atenção: *Laus Sus-Cris!* Ela pode ser encontrada ao longo de seu texto e está associada diretamente ao cunho religioso, uma vez que, tem por significado: Louvado seja Jesus Cristo. Essa forma abreviada e estranha é expressiva de uma saudação que o autor ouviu inúmeras vezes em sua infância e seu uso está intimamente associado à região fronteiriça, sendo ela, portanto, mais uma representante da variante pampeana.

Esta variante ainda pode ser observada ao longo da obra do escritor pelotense como um todo, bem como várias outras expressões que são comuns ao Pampa, um linguajar tipicamente campeiro, do qual Blau Nunes se apropria enquanto personagem e narrador, ante a uma realidade subjacente, de um mundo em constante transformação. Aqui é importante ressaltar a visão social do gaúcho sul rio-grandense que também se funde com o gaúcho/gaúcho dessa região fronteiriça.

De fato, a despeito da identidade dos sujeitos da fronteira sul do país, a intersecção de culturas é um forte traço. Há deslocamentos de muitas ordens: identitário, territorial, linguístico, culinário, religioso, memorialístico, entre outros. Esta “realidade cotidiana”, nos termos de Ludmer, se vê claramente no projeto intelectual de Lopes Neto, cuja epistemologia abarca e considera valores históricos e culturais pouco abordados, analisando o permanente caráter de interconexões que constitui a história do continente latino-americano, sobretudo de suas fronteiras.

Entretanto alguns vocábulos de *Contos* são, notoriamente, fronteiriços, como o uso da terminação “ao” em algumas palavras ao invés da terminação “ado”, esta troca é, a rigor, o traço marcante da gauchesca platina. Palavras como “colorado”, adjetivo para cava-

lo tipicamente avermelhado, ou ainda somente a cor avermelhada passa a ser dita com a terminação “ao”, ou seja, “colorao”, da variante pampeana, no lugar da forma usual do português que seria “colorado”.

Outra expressão utilizada por João Simões Lopes Neto é “miangos”, vocábulo este que não consta no dicionário da Língua Portuguesa, mas que decorre, certamente, do platinismo, “miñangos” e quer dizer cacos, fragmentos, pedaços pequenos de uma determinada coisa. Igualmente derivada da variante platina temos a forma “Teu-Teu” para designar a ave pernalta conhecida como Quero-Quero. Essa modificação ocorre também no Uruguai e na Argentina e nestes últimos como “teruteru” ou “terotero”. O que acaba acontecendo aqui é, além dessa apropriação dos vocábulos, como meio de aproximação das línguas e culturas da região fronteiriça, uma recriação de expressões que dá ao texto um caráter pluralístico constituído por uma linguagem que considera todo o seu *locus* de enunciação.

Nesse sentido, a linguagem do livro compõe-se enquanto um jogo de “significantes que jamais podem ser finalmente apreendidos em torno de um único centro, em uma essência ou significação únicas” (EAGLETON, 2001, p.191), como já propunha a crítica desde o pós-estruturalismo.

Grande parte do vocabulário encontrado nas páginas dos *Contos* é de origem platina e da variante pampeana da língua portuguesa. Portanto, é possível perceber que as derivações em trânsito nessa fronteira cultural são, de fato, da Comarca do Pampa, lugar de passagem de imigrantes, quer seja de imigrações enraizadas ou não, aquela em que o indivíduo transpassa a área fronteiriça para trabalhar, tomar o mate, cuidar do gado, estudar ou mesmo comprar um objeto.

Os recortes geográficos e políticos das fronteiras que dividem a região do pampa são simbólicas, mitológicas, pois estas barreiras de territórios, de línguas, de símbolos, de memórias, de leis e políticas que buscaram representar um país, uma cidade ou um grupo a partir de identidades culturais homogêneas, derivado de um certo *logos*, já não se sustentam frente a inegável hibridização que constitui o mundo,

notoriamente o fronteiriço.

Não raro a ideia de fronteira é associada a de mito, pois,

(...) antes de serem marcos físicos ou naturais, são sobretudo simbólicas. São marcos, sim, mas sobretudo de referência mental que guiam a percepção da realidade. [...], são produtos desta capacidade mágica de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais por meio do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo. (Pesavento, 2002).

Com efeito, é consenso, hoje, dizer que diferentemente do postulado pelos projetos de modelos nacionalistas, as culturas, as identidades, as literaturas, as línguas, os territórios e as fronteiras, sempre estiveram em constantes movimentos, eclodindo e declodindo-se, como quer Jean Luc Nancy (2008), gerando infinitas imagens e dobras deleuzianas (1997), ressaltada a intensidade dos arranjos das dinâmicas espaço-temporais de cada lugar.

Quando analisadas nos espaços fronteiriços, estas mobilidades e re-significações ganham uma dimensão ainda maior, pois se trata de um lugar de deslocamento por excelência. Estar na fronteira é poder observar e absorver o outro alargando e intensificando desterritorializações e reterritorializações culturais que questionam limites e demarcações do mapa e, conseqüentemente, os mitos culturais.

Muito embora as dinâmicas de ambivalência e o diálogo das diferenças sejam uma constante em territórios fronteiriços, seus processos nem sempre se dão pacificamente. Inevitavelmente há choques intransigentes de caráter político e cultural, de subordinação e dominação, de recolhimento e negação. O lugar fronteiriço é o lugar da suspensão, da porosidade, do não-ser, da procura, da tensão produzidos pelos intercâmbios culturais de um entremeio que abarca o de dentro e do fora.

Este entremeio, campo minado de deslocamentos, constrói-se, portanto, enquanto um entre-lugar cuja estrutura desativa dicotomias, é lugar em que coexiste o dito e o não-dito, o anacrônico. No entre-lugar, não há uma origem ou mesmo uma dialética de noção modernista, são apenas começos, dramas de corpos que permitem a criação de possibilida-

des de suspensão, de instabilidades, de um certo anarquismo que deságuam em eternas re-criações, como é próprio da cultura fronteiriça. Movimentos, variações, experimentações e invenções *ad infinitum*. Entretanto, cabe ressaltar que além do contato com o outro, o sujeito e seu lugar são, a rigor, determinados, também, por limites e singularidades. Eliminar as fronteiras é anular a noção de *corpo e lugar* porque impedimos autênticas re-construções decorrentes da possibilidade da relação entre suas peculiaridades.

Contos formula remanejamentos culturais operacionados por intermédio de perdas, seleções e reconstruções que falam da coabitação de culturas em um espaço discursivo fronteiriço, um entre-lugar que vai além das fronteiras delimitadas pelo mapa. Trânsitos, migrações, “enraizamento dinâmico” Michel Maffesoli (1997) ou ainda o lugar intersticial, “no além” ou terceiro espaço sugerido por Homi Bhabha (1998).

Assim sendo, a literatura platina “contribui para a invenção teórica de uma nova região cultural, um entre-lugar platino-brasileiro que herda a tradição do regionalismo ibérico, para transformá-la em outra coisa.” (MASINA, 2002, p.104)

Esse entre-lugar pode ser também chamado de Comarca do Pampa, lugar do encontro entre o sul do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai que ultrapassa os limites geopolíticos e se faz presentificar em sentidos de conjunções desarticuladas da máquina logocêntrica, estável, paradigmática.

Muitos dos vocábulos ditos “gauchismos chucros”, tal qual “vancê”⁶ cujo equivalente em português é você, são próprios da singularidade linguística pampeana, vários dos materiais léxicos que o autor pôs na boca de seu narrador, por sua forma, significado ou uso particular, são característicos ou exclusivos do dialeto literário criado por esse escritor a partir da fala do campeiro do Rio Grande do Sul e, como tais, incorporam todas as maneiras de dizer e de interpretar a realidade própria do gaúcho, incluídas aí as mais variadas vozes de origem platina de raiz hispânica ou indígena. “Essa singularidade linguística – que sem afastar o dialeto literário simoniano da língua portuguesa, aproxima-o do espanhol platino

na voz de Blau – não tem por vezes sido bem compreendida.” (SCHLEE, 2006, p. 34.)

Todo o cabedal do vocabulário de Simões Lopes Neto se traduz na contribuição “espanhola, de um modo geral e, **mais particularmente, platina.**” (Idem. Ibidem. Grifo nosso.).

A junção do vocabulário de origem platina com a variante pampeana da língua portuguesa resulta em curiosos termos com diversas representações, tais como: “alcatra”, que se refere ao corte bovino, pode ser usada com o significado que Simões Lopes Neto o incutiu: “morrer”. Ressalte-se que essa palavra de origem brasileira, é empregada nos registros uruguaios como “alcatría”, por sua vez, uma derivação do termo. Assim, é possível perceber que as derivações estão em trânsito nessa fronteira cultural se quer distanciar-se de certa natureza aurática e autônoma da literatura.

Outro fator referencial são as expressões de origem platina que são utilizadas *ipsis literis* no texto simoniano, como é o caso de palavras como “bagual”, que nomeia um cavalo chucro, não domado ou aquele que se tornou selvagem, “bolear”, característico do ato de derrubar alguém ou mesmo fazer presa com boleadeiras, “camote”, namorar, amores, afeição muito arraigada, que no Uruguai tem a mesma grafia e significado. Igualmente ocorre com uma série de palavras como: bochinche,⁷ chancho⁸, guacho⁹, hombrada¹⁰, que são desvios platinos cuja grafia e significado são os mesmos no território do Pampa.

O texto simoniano é sempre construído com maior ou menor grau de conformidade ou de ruptura com os códigos literários vigentes, possui originalmente certas características e marcas semióticas que lhe dão um sentido e ampliam ou restringem a possibilidade de leitura de qualquer leitor, esse leitor, que é sempre a instância complementar do texto, no processo de comunicação, como receptor que,

segundo seus horizontes de expectativas e a variabilidade de sua competência comunicativa e literária é capaz de captar o sentido do texto e ser sensível a ele.

Se a experiência da linguagem é a própria existência do indivíduo, é nela que as instâncias políticas do saber/poder se fazem presentes. Deste modo, nos parece que a dicotomia ficção *versus* realidade perde seu peso corpóreo, para, em seu lugar fazer brotar epistemologias outras, como aquelas que, introdutoriamente, problematizamos: o entre-lugar da fronteira, suas potencialidades e marginalizações. Se há um sentido na escritura/mundo, queremos tomá-lo a partir do estado de conjuntura, seja ela política, cultural, memorialística ou territorial.

REFERÊNCIAS

- ANTELO, Raul. Lindes, limites, limiars. Boletim de Pesquisa Nelic. v. 1, p. 4-27, 2008.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** Ed. WMF Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas.** São Paulo: Edusp, 2004.
- CULLER, Jonathan Culler. **Teoria literária.** São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** São Paulo: Editora 34, 1997.
- DE ORNELLAS, Manoelito. **Gaúchos e Beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul.** 4ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** São Paulo: Martins fontes, 2001.
- FIGUEREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de Literatura e Cultura.** Rio de Janeiro: Eduff, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da

6. JSLN só pôs *vancê* na boca de Blau para evitar o emprego de *você*. Ele percebeu que *você* soaria como em *O gaúcho*, de José de Alencar, *O vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre ou o *Monarca das coxilhas*, de César de Lacerda, tão falso e artificial como as próprias histórias de José de Avençal, de Miguel Canho, de Jabutá. (SCHLEE, 2006, p.49.)

7. Escândalo, barulho, desordem, bochincho. Deriva do vocábulo espanhol platino *bochinche*.

8. Porco, animal suíno. Usado na expressão do espanhol rio-platense *hacer se elchancho rengo*, que significa fazer-se de bobo.

9. Órfão, enjeitado, abandonado. Dito de animal que se cria com a mãe. Vocábulo tipicamente platino *guacho* ou ainda *guaxo*.

10. Ação própria do homem valente. Trata-se do platinismo *hombrada*.

- Silva, Guaraciara Lopes Louro. 9ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LOPES NETO, João Simões. **Contos Gauchescos. Lendas do Sul**. Edição crítica por Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: UNISINOS, 2006.
- LUDMER, Josefina. “Literaturas pós-autônomas”. **Ciberletras - Revista de crítica literaria y de cultura**. n. 17, julho/2007. Disponível no site <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf>. Acesso em 10.02.2015
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1997.
- MASINA, Léa. **A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo**. In: MARTINS, Maria Helena. (org.) **Fronteiras Culturais: Brasil – Argentina – Uruguai**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais-projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- NANCY, Jean-Luc. **La declosión (Deconstrucción del cristianismo)**. Buenos Aires: La cebra, 2008.
- ROCCA, Pablo. **Encruzilhadas e fronteiras da gauchesca; do Rio da Prata ao Rio Grande do Sul**. In: MARTINS, Maria Helena. (org.) **Fronteiras Culturais: Brasil – Argentina – Uruguai**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. **Apresentação**. In: LOPES NETO, João Simões. “**Contos Gauchescos**”. **Lendas do Sul**. Edição crítica por Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: UNISINOS, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “**Além das fronteiras**”. In MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2002, p. 35- 39.
- PIZARRO, Ana (ed.) **América Latina. Palavra, Literatura e Cultura**. São Paulo, Memorial da América Latina, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1993.

Recebido em 25 de janeiro de 2016.

Revisões em 24 de abril de 2016.

Aceito em 20 de fevereiro de 2017.